

A EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS DOS SINTAGMAS NOMINAIS AO LONGO DO PROGRAMA GERATIVISTA

Letícia Lucinda Meirelles¹

RESUMO

Dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, a discussão acerca da estrutura dos sintagmas nominais permanece viva, haja vista a atualidade dos textos que serão discutidos neste artigo e os inúmeros desafios ainda existentes. Dessa forma, o presente texto pretende apresentar e discutir algumas propostas a respeito da configuração e representação das expressões nominais a fim de se compreender as hipóteses apresentadas desde Chomsky (1970) até a versão mais recente do Programa Minimalista iniciado por Chomsky (1995). Vamos mostrar como a projeção máxima de uma expressão nominal passou de NP para o sintagma determinante DP, ou seja, deixou de ser uma categoria lexical para se tornar uma categoria funcional. Apontaremos evidências empíricas e teóricas para tal mudança, sempre atentando para o fato de esta ter sido realizada com base nas semelhanças existentes entre as sentenças e as expressões nominais.

Palavras-chave: Sintagma nominal, sintagma determinante, categoria funcional, categoria lexical.

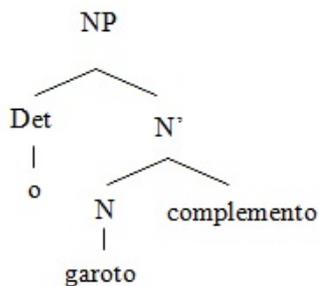
INTRODUÇÃO

No presente texto, pretendemos fazer um percurso pelos inúmeros artigos, dissertações e teses acerca da estrutura do sintagma nominal, a fim de se entender as propostas mais recentes, sendo estas últimas apresentadas por Aboh (2007), Yi-an Lin (2010), Bastos (2008) e Demonte (2008).

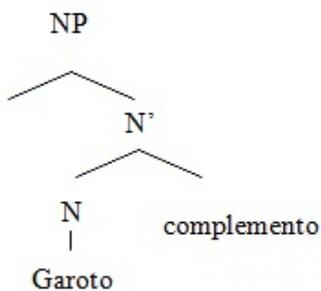
¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: lelumeirelles@hotmail.com

Chomsky (1970, 1986) propõe uma categoria lexical do tipo NP para tratar de expressões nominais complexas (Exemplos: *o garoto*, *as casas*) e nuas (Exemplos: *garoto*, *casa*). Assim, um sintagma nominal complexo como *o garoto* e um sintagma nu como *garoto* eram analisados da seguinte forma:

(1) O garoto



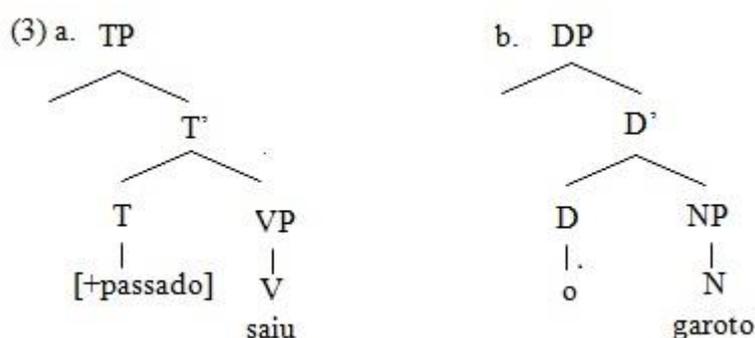
(2) Garoto



Essa proposta do NP foi assumida desde a década de 70, até meados dos anos 80. Posteriormente, surgiu uma nova configuração representacional para os sintagmas nominais, fossem estes complexos ou nus, baseada nas semelhanças existentes entre os NPs e as sentenças. A projeção máxima da expressão *o garoto*, por exemplo, não seria mais um NP e sim um sintagma determinante DP que teria como núcleo uma categoria funcional D°. Acompanharemos o desenvolvimento dessa proposta durante o decorrer do artigo.

1 SEMELHANÇAS ENTRE SINTAGMAS NOMINAIS E SENTENÇAS

Abney (1987), através de uma série de estudos e evidências empíricas, propôs aquilo que ficou conhecido como a hipótese DP. Esta confere às construções nominais uma nova perspectiva, de modo que o DP é a projeção mais proeminente do sintagma nominal e não mais o NP. Assim, os NPs na teoria de Chomsky (1970, 1986) são na realidade Grupos de Determinantes (DPs), ou seja, projeções da categoria D e não da categoria N. Analisando algumas semelhanças existentes entre o sintagma nominal e a sentença, Abney (1987) ainda argumenta que, assim como a categoria funcional T (tempo), cuja função é localizar um evento no eixo do tempo, seleciona um complemento lexical VP, D (determinante) também selecionaria um complemento que seria um NP. O núcleo D° teria a função de indicar a referencialidade (definida ou indefinida) de N. Dessa forma, DP seria uma categoria funcional, ou seja, não temática, que assim como a categoria funcional TP, selecionaria um complemento pertencente a uma categoria lexical. T seleciona VP e D seleciona NP. Observe abaixo o paralelismo configuracional existente entre TP e DP.

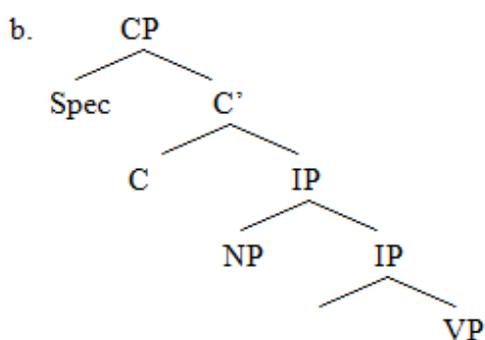
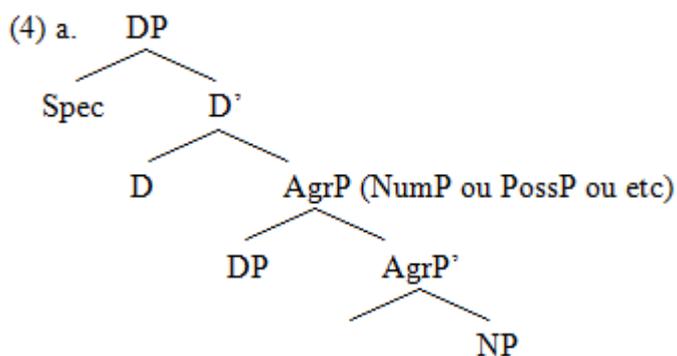


Longobardi (1994) persegue a ideia de que DP é a projeção máxima dos constituintes nominais e que a categoria D é capaz de identificar a referencialidade do sintagma nominal. Assim, ao utilizarmos a hipótese do DP, é possível acomodar os núcleos funcionais de forma mais eficiente entre D e NP. Dessa forma, a

estrutura de um DP passa a abrigar várias projeções funcionais que possibilitam a checagem de traços como definitude, número, concordância, entre outros.

A hipótese DP tem sido adotada para várias línguas, desde as mais conhecidas, como o Português, o Inglês, o Francês, e o Espanhol, até as com um menor número de falantes, como é o caso do Yup'ik e do Tzutujil, de acordo com o trabalho de Abney (1987). Para cada língua em particular, há uma ou outra alteração na estrutura do sintagma determinante, em especial quanto ao número de projeções funcionais que existem entre D e o seu complemento NP.

Também se pode observar claramente um paralelismo entre o CP e o DP no que se diz respeito às categorias funcionais existentes entre ambos e os seus respectivos complementos lexicais (VP e NP).



Note que a estrutura das construções nominais, em (4a), reflete a estrutura da sentença, em (4b), apresentando, além de NP, uma projeção relacionada à concordância e outra cujo Spec apresenta propriedade de escape de constituintes para fora do domínio lexical. Nesse sentido, da mesma forma que no nível da sentença encontramos o domínio temático (VP), o domínio de concordância (TP,

Agr) e o domínio discursivo (FocP, TopP, CP), o DP também pode ser dividido em três domínios: o domínio onde os argumentos do nome são licenciados (domínio temático, constituído de NP), o domínio de Caso e concordância (constituído de AgrP, ou NumP, ou PossP etc.) e o domínio onde informações como foco e tópico são decodificadas (domínio discursivo, constituído, em algumas análises de DP por ToP, por exemplo).

Lees (1960) já havia considerado semelhanças entre o sintagma nominal e a sentença, de modo que uma delas seria o fato de que ambas são similares em sua distribuição externa, ou seja, podem ocorrer como sujeito, objeto direto e em construções passivas, por exemplo.

(5) a. **O João** me surpreendeu. (sintagma nominal como sujeito)

b. Custou-me **entender isso**. (sentença como sujeito)

(6) a. Eu conheço **o João**. (sintagma nominal como objeto)

b. Eu sei **que João chegou**. (sentença como objeto)

(7) a. **O João** era conhecido por muitos linguistas. (sintagma nominal como sujeito em construção passiva)

b. Foi espalhado para todos na escola **que o João havia colado na prova**. (sentença como sujeito em construção passiva)

Também é importante ressaltar que a proposta de uma categoria funcional DP acima de NP permite dar conta do contraste entre os sintagmas nominais do Inglês.

(8) a. The girl is here.

b. Mary's girl is here.

c. * The Mary's girl is here.

A posição de especificador de DP seria ocupada pelos determinantes, como em (8a) e pelos possessivos, como em (8b). Assim, (8c) é agramatical, pois teria a

posição Spec, DP duplamente preenchida pelo determinante *the* e pelo possessivo *Mary's*. O artigo fica no núcleo D. Entretanto, em Português, o artigo pode ocorrer antes do pronome possessivo, como em *o meu filho*, o que gera um problema para a análise acima. Por isso, muitos autores tratam o possessivo do Português como uma categoria que se encontra adjunta a N'.

Os sintagmas determinantes também se assemelham às sentenças em relação aos processos de ligação. Observemos os exemplos adaptados a partir de Abney (1987)²:

- (9) a. Joãoi pintou ele mesmoi.
 b. A pintura de Joãoi dele mesmoi.
 c. *Ele mesmoi pintou Joãoi.
 d. *Dele mesmoi a pintura de Joãoi

Por fim, podemos dizer que há inúmeras línguas em que os sintagmas nominais se assemelham mais às sentenças do que no Português. Segundo Abney (1987), em Yup'ik, uma língua do Alasca, os nomes trazem marcas de concordância em casos possessivos, o que evidencia a presença de Agr nos sintagmas nominais. A concordância mostrada pelos NPs é o mesmo morfema de concordância encontrado nos verbos, como podemos ver nos exemplos retirados de Abney (1987, p. 39):

- (10) a. angute-m kiputa-a-∅
 man- ERG buy- OM- SM³
 'o homem comprou isso'

² A tradução da glosa foi feita pela própria autora, a partir do texto de Abney (1987).

³ Abreviaturas: ERG - Ergativo; OM - Marca de concordância com o objeto; SM - Marca de concordância com o sujeito.

b. angute-t kiputa-a-t

‘os homens compraram isso’

(11) a. angute-m kuiga –∅

man- ERG river – SM

‘o rio do homem’

b. angute- t kuiga-t

‘o rio dos homens’

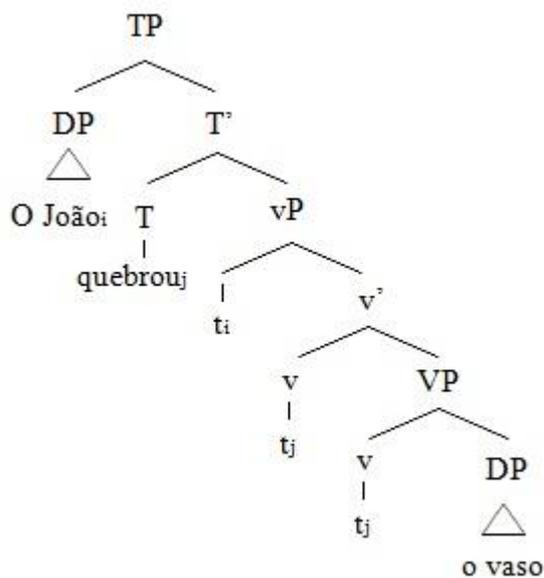
Nesta seção, mostramos as semelhanças existentes entre o sintagma nominal e a sentença. Ademais, apresentamos também as evidências que sustentam a hipótese de que o DP é a projeção máxima de expressões nominais, ao invés de ser o NP. Nas duas seções a seguir, faremos um paralelo do nível sentencial com o nominal, levando em conta duas novas categorias funcionais: o vP e o nP.

2 AS CATEGORIAS FUNCIONAIS vP E nP

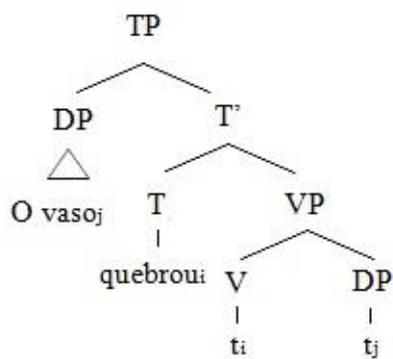
Chomsky (1995), seguindo a proposta de Larson (1988), reestrutura o sintagma verbal propondo a existência de um V₂, também conhecido como vP. Este ficaria entre TP e VP e serviria, a grosso modo, para expressar causa e agentividade. Agora, o sintagma VP projeta uma categoria externa vP que gera um DP como argumento externo na posição de Spec-vP. O núcleo v^o seleciona o VP e contém um verbo causativo leve. Esta estrutura é denominada de concha v-VP e encontra evidências nas orações causativas onde o verbo leve pode se manifestar semântica, morfológica ou sintaticamente. Quando se realiza semanticamente, significa que tem uma manifestação abstrata. Já a manifestação morfológica considera os processos morfológicos internos na palavra. E a manifestação sintática trata de outra unidade sintática, como, por exemplo, o verbo auxiliar, que realiza a causatividade na oração. Com relação aos traços, o núcleo v constitui uma categoria funcional com traços como [+agente], [+ causa] e seleciona o verbo lexical. Esses traços já estão presentes na Numeração, de acordo com o Programa Minimalista

(Chomsky 1995), e seriam checados na sintaxe. Assim teríamos a seguinte estrutura: o sintagma verbal VP abriga o verbo lexical e os seus argumentos internos e o sintagma vP é formado pelo verbo causativo com o argumento externo. Portanto, em frases como *O João quebrou o vaso* e *O menino comeu o bolo*, teríamos as seguintes estruturas arbóreas:

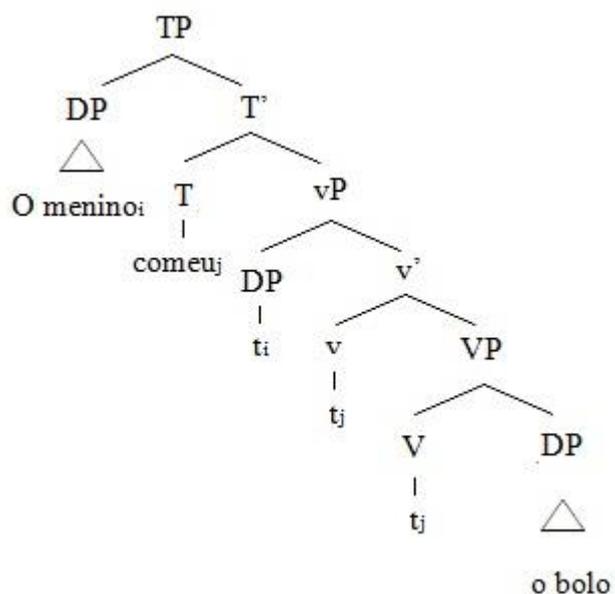
(12) a. *O João quebrou o vaso.*



b. *O vaso quebrou.*



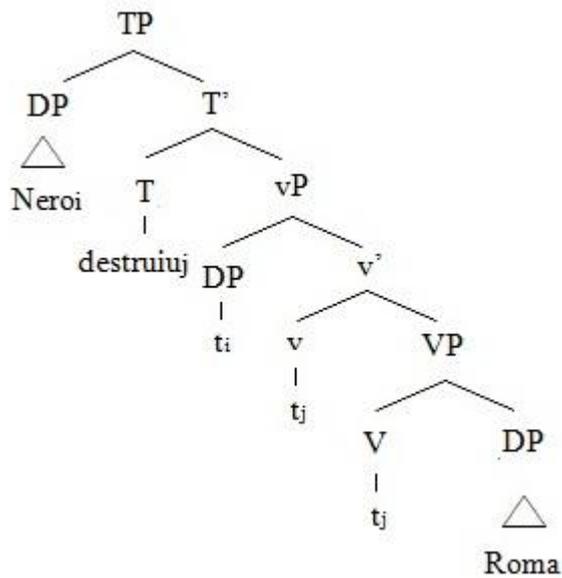
(13) O menino comeu o bolo.



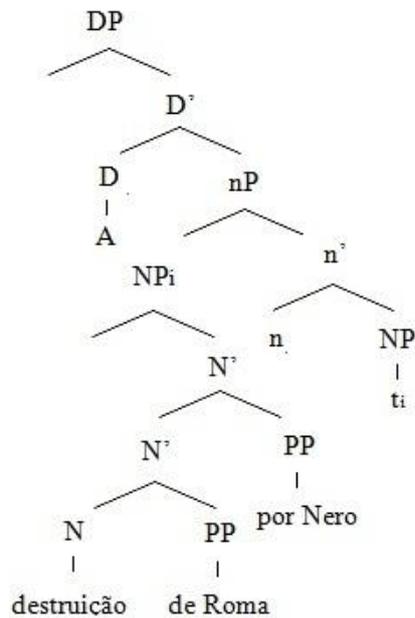
Observe que em (12a) e (12b), o vP só aparece quando há uma relação de *causa*. João recebe o papel temático de causador da ação em (12a). Na alternância incoativa em (12b), vP não aparece mais pois não há uma relação de causa existente. O vaso recebe o papel temático de paciente. Em (13), temos que *o menino* é agente e por isso o vP está presente. Desse modo, o verbo sobe para vP para checar esses traços de [causa] e [agente]. Como já dito anteriormente, é importante atentar para o fato de que esses traços já estão presentes na Numeração e são licenciados na sintaxe, ou seja, durante a derivação.

Baseado nas semelhanças entre a sentença e o NP, principalmente no que se diz respeito à categoria funcional vP, adotada por Chomsky (1995), Aboh (2007) postulou a existência de um nP que, a princípio, também serviria para expressar relações de causa e agentividade, como ocorre na estrutura a seguir:

(14) a. Nero destruiu Roma.



b. A destruição de Roma por Nero.



Repare que em (14a) o vP aparece para expressar a agentividade de Nero. Desse mesmo modo, em (14b) o nP também serve para atribuir tal agentividade a Nero. Assim como ocorre em vP, esse traço de [agente] já está presente na Numeração e é licenciado na sintaxe. É importante ressaltar que o movimento de

todo o NP para o n ocorre na sintaxe não visível, após *spell-out*, de modo que não há alteração na forma fonológica da sentença, mas apenas em sua forma lógica. O nP seria uma categoria funcional, uma vez que, assim como ocorre em vP, as categorias lexicais podem se mover para ele com a finalidade de checar traços⁴.

Em seu artigo sobre a posição dos adjetivos em espanhol, Demonte (2008) utiliza o nP para falar da posição dos adjetivos pós-nominais, de modo que esta categoria passa a não estar ligada a traços de causa e agentividade. A autora divide os adjetivos em dois grandes grupos: os predicativos e os não predicativos.

Adjetivos predicativos são aqueles que falam de propriedades de um indivíduo e geralmente aparecem na posição pós-nominal.

(15) El abogado bueno

‘Um advogado bom’

Em (15), o adjetivo na posição pós-nominal refere-se ao fato de o *advogado* ser bom como pessoa, ou seja, qualifica diretamente o indivíduo.

Adjetivos não predicativos são aqueles que tratam de propriedades e ocupam a posição pré-nominal.

(16) El bueno abogado

‘Um bom advogado’

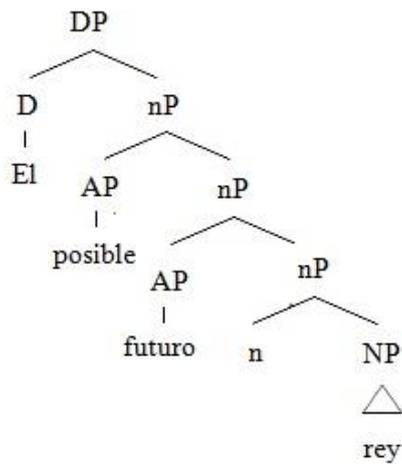
Em (16), o adjetivo na posição pré-nominal refere-se ao fato de o indivíduo ser bom, competente como advogado. Ou seja, trata-se de uma propriedade de outra propriedade do indivíduo, que é ser advogado.

⁴ É importante ressaltar que tanto vP quanto nP são, em parte, lexicais uma vez que ambos checam traço de [agentividade] e o primeiro ainda atribui papel temático para seu argumento externo.

Os adjetivos não predicativos (pré-nominais) são adjuntos de nP, enquanto os predicativos (pós-nominais) são c-comandados⁵ por NP, como mostrado a seguir através dos exemplos retirados de Demonte (2008, p. 25):

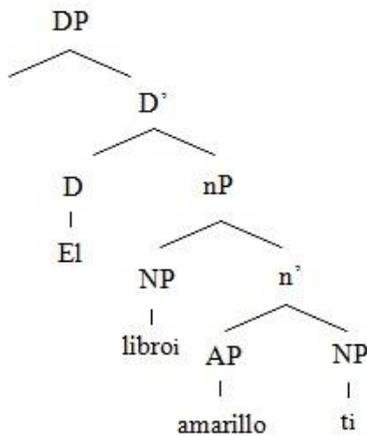
(17) a. El posible futuro rey – não predicativo

‘O possível futuro rei’



b. El libro amarillo – predicativo

‘O livro amarelo’



⁵ C-comando: α c-comanda β se somente se: α não domina β nem β domina α e cada nóculo ramificante γ que domina α também domina β .

Portanto, podemos concluir que, em um primeiro momento, o nP foi criado para expressar causa e agentividade, assim como vP. Porém, em propostas mais recentes, como em Demonte (2008), a categoria nominal funcional perde esses traços e passa a existir apenas para satisfazer uma questão de posicionamento dos adjetivos nas sentenças. Na seção seguinte, faremos um paralelo entre o CP cindido e o DP cindido.

3 A PERIFERIA ESQUERDA NO NÍVEL DA SENTENÇA E NO SINTAGMA DETERMINANTE

Rizzi (1997) apresentou a proposta do CP cindido, de modo que esta categoria se dividiria em Força, Tópico, Foco e Finitude. Estes últimos também seriam categorias funcionais que existiriam entre C e seu complemento lexical VP. Aboh (2007) nos mostra que Força, Tópico, Foco e Finitude são traços não interpretáveis⁶ que já se encontram presentes na Numeração e são checados na sintaxe, de modo que só chegue às interfaces PF e LF aquilo que é interpretável em cada uma delas. Entre as evidências apresentadas por este último, podemos citar as interrogativas sim-não e a questão dos elementos *wh*. Observemos as seguintes sentenças:

(18) a. O João telefonou para a Maria hoje.

b. O João telefonou para a Maria hoje?

⁶ Um item lexical é basicamente formado por três tipos de traços: traços fonológicos, traços semânticos e traços formais. Estes últimos podem ser interpretáveis em LF ou não. Os traços não interpretáveis devem ser eliminados durante a derivação por meio de uma relação de checagem (CHOMSKY, 1995) ou valoração (CHOMSKY, 1999) com o correspondente traço interpretável. Assim, o traço [+ força interrogativa] presente na Numeração das sentenças em 18 é um traço não interpretável em LF, tendo que ser checado durante a derivação.

Os itens presentes na Numeração de (18a) e (18b) são exatamente os mesmos. O que diferenciaria as duas sentenças seria um traço de [+ força interrogativa]. Este, por sua vez, já se encontraria presente na Numeração e seria licenciado na sintaxe.

Em um primeiro momento, a força interrogativa seria atribuída pela presença de elementos wh nas sentenças e pelo movimento wh. Entretanto Aboh (2007) nos mostra que movimentos wh ocorrem para satisfazer outras questões, como foco e traço EPP. Além disso, este tipo de movimento pode ocorrer em frases que não são interrogativas, como:

(19) O João perguntou de quem você gosta [~~de quem~~].

Nas interrogativas com wh, o elemento wh se moveria para satisfazer uma questão de foco. Toda questão wh pede uma informação nova como resposta:

(20) a. Quem o João ama?

O João ama a Maria (informação nova)

b. Onde você mora?

Eu moro em BH. (informação nova)

c. Quando você volta?

Eu volto daqui a 15 dias. (informação nova)

Na pergunta, as palavras wh se deslocam para a posição de foco, mantendo uma correlação com a resposta, uma vez que nesta última, o sintagma que substitui o elemento wh também introduz uma informação desconhecida.

Desse modo, tanto em perguntas sim-não como em questões wh, existiria uma espécie de partícula interrogativa responsável pela realização da sentença interrogativa. Esta partícula ou traço pode ou não ser pronunciado, dependendo da língua, e já estaria presente na Numeração, sendo checado posteriormente na sintaxe. No caso das perguntas sim-não, o Português não possui o traço interrogativo foneticamente pronunciado. No entanto, outras línguas, como o

Mandarim Chinês, trazem uma marca interrogativa morfológica, como podemos observar no exemplo de Li e Thompson (1975, p. 173):⁷

(21) Yàoshi **ne** ?

key INTER⁸

‘E a respeito da chave?’

Aboh (2007) já havia proposto que as categorias de Tópico e Foco também estão presentes no nível do NP e posteriormente, Yi-an Lin (2010) propõe que essas categorias se encontram no nível do DP, ficando na periferia esquerda do mesmo. A categoria NumP é responsável pela especificação de número (singular e plural) dentro do sintagma nominal.

(22) Aboh (2007)

DP> nP> FocP / TopP> NumP>NP

(23) Yi-an Lin (2010)

D topic P> D focus> D topic P>D definitive P > NumP> Specificity P> nP> NP.

Bastos (2008, p. 20) também vai tratar das categorias de Tópico e Foco como parte da periferia esquerda do DP em construções de tópico duplo em Português Brasileiro. Vejamos o exemplo retirado do artigo da autora:

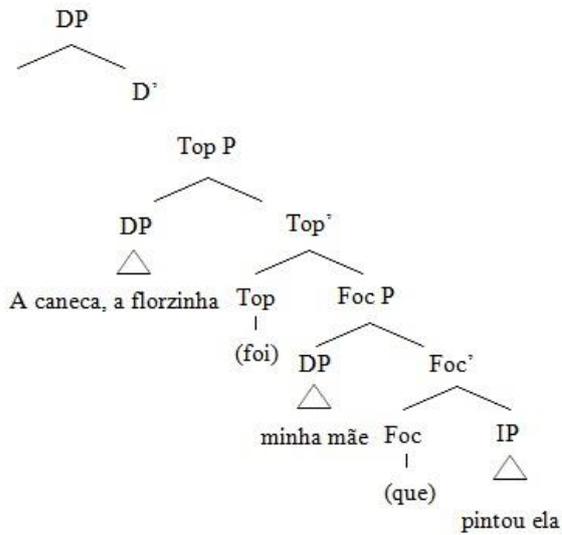
(24). A florzinha, a caneca, (foi) minha mãe (que) pintou ela.

A *caneca* e a *florzinha* ocupam a posição de tópico, enquanto o resto da sentença está em Foco e IP.

⁷ A tradução da glosa foi feita pela autora a partir do trabalho de Li e Thompson (1975).

⁸ Abreviatura: INTER - Partícula interrogativa.

(25)

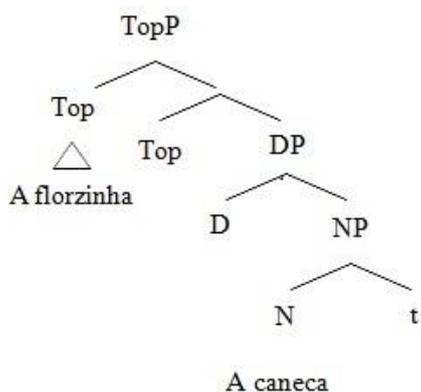


Ainda segundo a autora, dois DPs podem coexistir na periferia esquerda se o primeiro for Tópico e o segundo Foco, mas nunca ocorrerá o contrário: Foco>Tópico.

(26) * Foi minha mãe, a caneca, a florzinha, que pintou ela.

Bastos (2008, 21) também mostra que em construções com tópico duplo é necessário haver uma relação de dominância entre os dois tópicos, que decorre de um rearranjo dos constituintes, como pode ser visto na estrutura em 27:

(27)



Observe que *a florzinha* domina *a caneca*, uma vez que essa construção de tópico duplo se deriva do sintagma *a florzinha da caneca*. Já em construções de apenas Tópico> Foco, não é necessário haver relação de dominância.

(28) A flor, (foi) pra Maria (que) eu comprei ela.

Note que não há uma dominância entre *a flor* e *Maria* assim como há entre *a florzinha* e *a caneca*. Também é possível observarmos que não podemos inverter a ordem, passando de Tópico> Foco para Foco> Tópico.

(29) * Foi pra Maria que a flor, eu comprei ela. *Foco>tópico

O Português Brasileiro não possui a posição de Tópico mais baixa que a de Foco e também não permite a recursividade do Tópico livremente, mesmo quando este se encontra acima de Foco. Como consequência disso, todas as construções com múltiplo tópico devem estabelecer uma relação de dominância, como já mostrado anteriormente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente artigo, procuramos explicitar como ocorreu a transição daquilo que Chomsky (1970, 1986) chamou de NP para o atual sintagma determinante DP. O primeiro deixou de ser a projeção máxima de uma expressão nominal, para que tal papel fosse exercido por uma categoria funcional D. Várias semelhanças podem ser observadas entre o DP e a sentença TP, como o fato de ambos serem categorias funcionais e seus respectivos núcleos D° e T° selecionarem categorias lexicais NP e VP como complemento. Também podemos citar o fato de vP e nP terem sido criados com o intuito de representar os traços de [+causa] ou [+ agente] presentes em sentenças e expressões nominais da língua. As categorias

Foco (Foc P) e Tópico (Top P), ambas na periferia esquerda da sentença, também são pontos semelhantes entre a sentença e o sintagma determinante.

Assim sendo, podemos concluir que todas as mudanças realizadas no NP durante o decorrer do Programa Gerativista (passagem de NP para DP, postulação da existência de nP e hipótese do DP cindido) foram realizadas através de comparações com a sentença, o que evidencia que as operações sintáticas realizadas pela nossa mente encontram-se amplamente relacionadas entre si.

ABSTRACT

According to the theoretical framework of Generative Grammar, the discussion about the structure of noun phrases is still alive, considering the relevance of texts that will be discussed in this brief work and several challenges that still exist. This article aims to present and discuss some proposals about the configuration and representation of nominal expressions in order to understand the hypotheses presented since Chomsky (1970) to latest version of the Minimalist Program initiated by Chomsky (1995). We will show how the maximum projection of a nominal expression went from NP to DP, it means, how it ceased to be a lexical category to become a functional category. We will point out theoretical and empirical evidences for this change, always paying attention to the fact that it has been done based in the similarities between the sentences and nominal expressions.

Keywords: Noun phrase, determinant phrase, functional category, lexical category.

REFERÊNCIAS

ABNEY, Steven P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1987.

ABOH, Enoch O. *Information Structuring begins with the numeration*. ACLC University of Amsterdam, 2007.

BASTOS, Ana C. P. The Brazilian-style of the multiple subject constructions. FUJII, Tomohiro; KAWAMUA, Tomoko (Eds.). *Nanzan Linguistics: Special Issue 3*. Nagoya, Japan, v. 2, 2008, p. 17-34.

CHOMSKY, Noam. *Remarks on nominalization*. In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter. (Eds.). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Massachusetts: Ginn, 1970.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. London: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DEMONTE, Violeta. Meaning-form correlations and adjective position in Spanish. In L. MCNALLY, Louise; KENNEDY, Chris. (Eds.). *Adjectives and Adverbs. Syntax, Semantics, and Discourse*. p. 71-100. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v.19, n. 3, p. 335-391, 1988.

LEES, Robert B. *The Grammar of English Nominalizations*. Tese (Doutorado) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1960.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language, In: CHARLES, N. Li (Ed.). *Subject and topic*. Austin: University of Texas Press, 1976.

LIN, Yi-an. *The Information Structure of Nominal Phrases an DP-internal Phrasal Movement in Buginese*, 2010. Disponível em: <http://userpage.fu-berlin.de/~gast/swl3/abstracts/pdf/swl-25.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2012.

LONGOBARDI, Giuseppe. Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, 25.4, p. 609-665, 1994.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In HAEGEMAN, Liliani. *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer, 1997, p. 281-337.